

Gomes Freire de Andrade (1757-1817): O Militar

Tenente-coronel
Pedro Marquês de Sousa



Introdução

Recordar a vida militar de um “general sem medo” é sempre um trabalho difícil, pois esta figura, pela sua singularidade, é por princípio sempre polémica e vítima das paixões e dos ódios que a motivaram. Mas como “felizmente há memória” a história pode recordar a carreira de um militar que foi realmente extraordinário e singular no quadro dos militares portugueses do seu tempo, principalmente pela experiência que viveu como combatente nos principais conflitos internacionais que marcaram a mudança para a idade contemporânea:

“Entre as qualidades eminentes que distinguiram Gomes Freire de Andrade de muitos dos seus contemporâneos, devem destacar-se: o estranho amor à carreira das armas, o constante desejo de estudar o progresso da técnica militar do seu tempo e a grande ambição de se aperfeiçoar no desempenho da sua nobre profissão de oficial do Exército”^[1].

A sua atividade como militar merece ser mais estudada e conhecida, desde logo, por ter servido durante um período de mudanças profundas na atividade militar, ao nível da tática, organização, recrutamento e, enfim, de modo geral, no pensamento militar. Além de outras qualidades de militar “operacional”, destacamos a singularidade de ter servido na componente naval e na terrestre, recebendo a influência das melhores escolas da sua época: a inglesa, na componente naval, e a prussiana e a francesa, ao nível do exército, quando serviu a Rússia (1788-1790) e, mais tarde, a França (1808-1813).

Foi sobretudo um comandante no “terreno” em combates diretos, demonstrando elevada coragem e abnegação, mas também nos deixou um testemunho das suas qualidades de planeamento e do seu pensamento militar, através de duas obras relevantes: *O Plano de Defesa de Lisboa* (1799) e o *Ensaio Sobre o Método de Organizar em Portugal o Exército, relativo à População, Agricultura e Defesa do País* (1806), que reflete a consolidação de um “saber de experiência feito” numa época de transformações na atividade militar,

curiosamente na mesma época em que Clausewitz também escreveu sobre a importância do triângulo Exército – Governo – População.



Figura 1 – General Gomes Freire de Andrade.

A figura de Gomes Freire de Andrade que aqui recordamos, foi também evocada na casa mãe do Exército (Academia Militar), em dois momentos muito relevantes: Durante a 1ª Guerra Mundial, em 1917, e após a revolução de Abril de 1974. Há um século foi recordado na cerimónia do Juramento de Bandeira de 1917 e, em 1977, foi evocado como Patrono do Curso de Cadetes que ingressaram em 1976.

O início da vida militar

Após a morte do seu pai em Viena de Áustria, o jovem Gomes Freire de Andrade veio para Portugal e começou a sua carreira militar, em 1782, no Regimento de Infantaria de Peniche, quando o exército português ainda conservava parte da herança deixada pelas reformas do Conde de Lippe, um representante da escola prussiana. Era já o tempo da “viradeira” e Gomes Freire não acompanha muitos dos princípios de Lippe, porque defende o mérito da aristocracia e era contra a forte presença de estrangeiros no exército de Portugal.

Assentou praça em Peniche como Cadete, em 19 de Setembro de 1782, e foi promovido a Alferes, a 15 de Novembro de 1782^[2], tendo já 25 anos de idade. Do Exército passou para

Revista Militar N.º 2605/2606 - Fevereiro/Março de 2019 - Número Temático , pp 151 - 164.

:: Neste pdf - página 2 de 17 ::

a Marinha, para participar voluntariamente numa expedição enviada ao norte de África em 1784 e foi assim, com 27 anos de idade, como Guarda Marinha da nossa Armada, que começou a carreira como combatente, revelando qualidades militares extraordinárias.

A Expedição a Argel (1784)

No âmbito da guerra entre a Espanha e os corsários argelinos (1775-1785), após o desastre na campanha de 1775 e do ataque de 1783, realizado por 25 navios espanhóis, Carlos III de Espanha resolveu voltar a atacar Argel com o apoio de Portugal, do reino de Nápoles e da Ordem de Malta. No século XVIII, como a pirataria argelina causava grandes prejuízos e a quantidade de prisioneiros portugueses e espanhóis em Argel era elevada, foi organizada esta força conjunta para atacar o porto de Argel que era a base dos corsários.

Em Julho de 1784, uma esquadra com 130 navios saiu de Cartagena com o objetivo de atacar Argel. Portugal reforçou esta força com mais quatro navios (duas naus e duas fragatas) guarnecidos com cerca de 1800 homens e 200 peças de artilharia: as naus *Santo António* e *Senhora do Bom Sucesso* (cada uma com 64 peças de artilharia e 560 homens) e as fragatas *Golfinho* e *Tritão* (cada uma com 40 peças e 330 homens). O comandante português era o Coronel de Mar Ramires Esquivel e no seu estado-maior ia o jovem Marquês de Niza, que foi mais tarde Almirante.

A força naval portuguesa onde seguia Gomes Freire de Andrade saiu de Lisboa a 19 Junho 1784 com grande solenidade e juntou-se aos espanhóis no mar mediterrâneo na tarde do dia 12 de Julho, no primeiro dia do ataque aos argelinos. A armada espanhola bombardeou Argel durante quase três horas sem resultados e por isso os portugueses quiseram mostrar o seu valor perante os aliados. Alguns portugueses guarneceram três lanchas espanholas: uma de Artilharia e duas Bombardeiras e nesta operação, o jovem Gomes Freire deu nas vistas no comando de uma das lanchas, realizando diversos ataques sucessivos, sobre os alvos em terra, demonstrando grande coragem e extraordinárias qualidades de liderança.



Figura 2 - Percurso da Expedição a Argel (1784) e gravura com lanchas bombardeiras.

A utilização destas lanchas, como pequenas baterias de artilharia avançadas, tinha o objetivo de promover a mobilidade e a flexibilidade de emprego à força naval atacante, deixando os navios mais pesados (as naus e as fragatas) mais afastados da artilharia inimiga em terra. As “lanchas bombardeiras” e as “baterias flutuantes” (usadas mais tarde noutra campanha que iremos referir) tinham missões muito arriscadas, pois eram normalmente deixadas pelos navios maiores em missões autónomas, muito expostas ao fogo do inimigo.

A Rainha de Portugal promoveu todos os oficiais portugueses que participaram nesta expedição e, assim, Gomes Freire foi promovido a Tenente do Mar, em 26 de Março de 1787^[3]. No ano seguinte, regressou ao Exército e foi colocado novamente no Regimento de Peniche com posto de Sargento Mor (Major)^[4].

Ao serviço da Rússia (1788-1790) no exército de Catarina II

Na sequência do *Tratado de Amizade, Navegação e Comércio*, estabelecido em 1787, entre D. Maria I e Catarina II da Rússia, o Major Gomes Freire deixou o Regimento de Peniche e foi voluntariamente servir a Rússia, na guerra contra o império otomano.

Após a primeira guerra Russo-Turca (1768-1774), o Império Otomano em decadência

despertava ambições de diversas potências. A Rússia pretendia expandir a sua influência para a Crimeia e para os Balcãs e, enquanto a França apoiava os otomanos, a Inglaterra apoiava a Rússia através de especialistas da marinha inglesa e a Prússia apoiava o exército russo.

Em 1786, começou uma nova fase deste conflito e a Rússia desenvolveu uma campanha militar, dirigida pelo célebre General Potemkine, para conquistar a Crimeia. Gomes Freire participou nesta campanha, após se ter apresentado na capital russa (S. Petersburgo), em Julho de 1788, sendo enviado logo para a guerra integrando as forças do príncipe Potemkine. Através da obra de António Ferrão^[5] podemos acompanhar o percurso de Gomes Freire na Rússia, acompanhado de outros dois oficiais portugueses: Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real e António de Souza Falcão. Gomes Freire apresentou-se a Potemkine quando este preparava a campanha terrestre e o cerco à praça de Oczacow. A esquadra russa já se tinha apoderado de Cronstadt mas as suas forças terrestres tinham ficado imobilizadas em Oczacow^[6] perante a forte resistência turca naquela praça de guerra.



Figura 3 – Cerco à cidade de Oczacow, em 1788.

Após o cerco que montaram, as forças russas tomaram aquela praça de assalto, em 17 de Dezembro de 1788, num combate que durou apenas cerca de duas horas. A força russa que realizou o assalto tinha 15.000 homens que avançaram em condições meteorológicas muito difíceis (devido ao gelo). A fortaleza dispunha de 310 bocas de fogo, das melhores da época, mas, ainda assim, os turcos perderam 5000 homens (mortos) e 7000

prisioneiros. O Major Gomes Freire de Andrade mostrou o seu valor militar nesta operação, passando a ser muito admirado pelos oficiais russos. Fez questão de ser integrado numa unidade de Infantaria ligeira envolvida no esforço ofensivo (ataque principal) permanecendo na frente da sua unidade com grande coragem, atuando com uma liderança vigorosa. Os russos entraram na fortaleza através desta operação que ficou célebre na história da Rússia e que também faz parte da história de Gomes Freire de Andrade.

Regressou a S. Petersburgo, em Março de 1789, mas, logo em Maio desse ano, ofereceu-se para participar noutra campanha, na Moldávia, integrado nas forças de Potemkine. Participou na operação que derrotou os turcos em Bender (21 de Junho de 1789) e destacou-se em diversas operações decisivas: no combate de Kanshave e na tomada de Akermann, em 14 de Novembro de 1789. Através desta experiência militar ao serviço da Rússia, recebeu a influência das duas grandes escolas militares de referência daquela época: na Marinha russa teve a influência da escola de oficiais ingleses que dirigiam a armada russa e no Exército conheceu a escola prussiana, em especial na infantaria ligeira, pois as forças do exército russo eram organizadas e instruídas à prussiana. Assim, Gomes Freire viveu intensamente este período de aprendizagem, entre as melhores escolas militares do século XVIII, quando combatia contra as forças turcas organizadas pelos franceses.

Foi condecorado pela imperatriz da Rússia com a Ordem de São Jorge (4ª classe de oficial superior) e foi promovido a Tenente-Coronel, em 1790.

Na guerra entre a Rússia e a Suécia

A Guerra entre a Suécia e a Rússia (1788-1790) no mar Báltico teve origem quando Gustavo III da Suécia tomou o poder, em 1772. A Rússia, vizinha e rival, apoiava as revoltas internas contra Gustavo III e, por isso, este resolveu declarar guerra à Rússia. Foi uma guerra essencialmente naval, sem resultados decisivos para os dois lados, mas terminou com a vitória da Suécia e com o reforço do poder de Gustavo III.

Gomes Freire continuava na Rússia e, depois de ter tido autorização da Imperatriz Catarina, partiu de S. Petersburgo, em Julho de 1790, para participar na campanha no Báltico. Participou na batalha naval de *Viborg* (4 de Julho de 1790), que ele considerou a mais emocionante da guerra e em que se destacou de tal forma que mereceu a promoção a Coronel dos exércitos russos^[7]. Repetindo a experiência de 1784, no Mediterrâneo, embarcou numa esquadra ligeira russa, de naus e fragatas, que derrotou os suecos. Apesar desta vitória inicial, os russos acabaram por perder a guerra após a batalha naval de *Svensksund* (1790), na qual os suecos aniquilaram a esquadra russa.

Nesta batalha de *Svensksund*, a 9 e 10 de Julho de 1790^[8], Gomes Freire mostrou novamente excepcionais qualidades de liderança e de coragem no comando de uma bateria flutuante, que lutou até ao fim dos seus limites, enquanto a embarcação se

afundava. Gomes Freire permaneceu sempre na sua posição encorajando as guarnições das peças de artilharia, dando o exemplo junto dos subordinados, debaixo do fogo inimigo.



Figura 4 – Batalha de Svensksund (1790).

Quando a artilharia sueca afundou a “bateria flutuante” que ele comandava, morreu quase toda a sua tripulação, mas Gomes Freire conseguiu salvar-se após momentos dramáticos juntamente com outros marinheiros russos. A força russa perdeu 9.500 homens e os suecos perderam apenas 700. O Tenente-Coronel português foi recompensado com a oferta de uma espada militar russa com a inscrição “Pelo seu Valor” e a Imperatriz Catarina II agradeceu a Portugal a sua colaboração.

Na sua época, nenhum outro oficial português se destacou no estrangeiro como ele, conquistando as promoções a Tenente-Coronel e a Coronel do exército russo, em campanha, durante a guerra Russo-Turca (1788-1790) e depois na guerra Russo-Sueca (1788-1790). Mais tarde, quando foi promovido a General no exército português, passou a ser conhecido pelo epíteto de General Russo.

No Exército Prussiano (1792 a 1793) contra a França

Antes de regressar a Portugal, Gomes Freire conheceu ainda o carácter de uma nova guerra que começava na Europa e que marcaria a sua vida nos próximos anos. Na sequência da Revolução Francesa, o choque entre a coligação das monarquias europeias contra a França revolucionária abria o caminho para uma guerra longa e repleta de consequências políticas e sociais.

A República Francesa declarou guerra contra a monarquia de Habsburgo, em Abril de 1792, a Prússia aliou-se aos austríacos e as monarquias realizaram diversas campanhas para invadirem a França por terra e mar. A Inglaterra apoiava a revoltas na França, enquanto os prussianos e os austríacos atacavam pelos Países Baixos Austríacos e pelo rio Reno. A França sofria derrotas nos campos de batalha e sentia as revoltas internas contra a revolução, mas foi nesta situação que realizou o “levantamento em massa” (recrutamento geral e obrigatório), decretado em Agosto de 1793, e que criou um novo exército de massas, com o qual Napoleão combateu posteriormente com grande sucesso.

Gomes Freire, ao serviço dos prussianos, observou assim “no terreno” a mudança que se operava no exército francês, que abandonava o modelo militar do antigo regime para criar um exército mais numeroso, no qual todos os cidadãos eram chamados a servir. Era o advento do serviço militar obrigatório (modelo republicano), que trazia às fileiras o povo motivado pelos princípios da revolução, contra os exércitos do absolutismo, constituídos por militares profissionais.

Esta fase do conflito já mostrava que o novo exército francês, da “Nação em armas”, acrescentava grande valor ao seu exército profissional e que assim o exército francês era superior aos exércitos adversários. As batalhas de *Valmy*, em Setembro, e a de *Jemapes*, em Novembro de 1792, demonstraram o choque entre os exércitos conservadores e o exército revolucionário que combinava com eficácia, os militares profissionais com os cidadãos, modelo que a França passou a usar com sucesso e que Gomes Freire observou na Campanha do Rossilhão, dois anos depois.

Em 1793, Gomes Freire regressou a Portugal, no mesmo ano em que foi executado em Paris o Rei Luís XVI, em que a França declarou guerra ao Reino Unido, às Províncias Unidas, à Espanha e em que foi estabelecido o tratado de mútuo auxílio entre Portugal e a Inglaterra^[9]. Foi nomeado comandante do Regimento da Guarnição de Lisboa, um cargo de grande prestígio para um Coronel. O Regimento, aquartelado em Campo de Ourique e que tinha tido como comandante o Marquês das Minas, passou a ser conhecido como o *Regimento de Freire* e pelo seu prestígio integrou a Divisão enviada de Portugal para a Catalunha, para auxiliar a Coroa Espanhola perante a ameaça da França.

Na Campanha do Rossilhão em 1793-1795

Apesar de ser aconselhado por muitos responsáveis portugueses a manter a neutralidade, o príncipe regente D. João decidiu apoiar a aliança contra a França e, por essa razão, Portugal participou ao lado da Espanha e da Inglaterra na Campanha do Rossilhão e destacou a esquadra portuguesa em Toulon.

Para o Rossilhão, Portugal enviou uma Divisão constituída por 6.000 homens, comandada pelo General escocês Forbes Skellater, empenhando 14 navios de transporte de tropas e 4 de escolta. Nesta campanha, Gomes Freire revelou o seu carácter carismático e corajoso, afirmando a sua experiência militar anterior, que deu origem a conflitos com os comandantes desta campanha, que não tinham a experiência dele nas guerras mais recentes^[10]. As operações decorreram sempre com muitas contrariedades, por causa das dificuldades do inverno nos Pirenéus, pela falta de homens para guarnecer a frente muito extensa e também pela falta de motivação dos espanhóis para combaterem os franceses. O nosso escritor Latino Coelho refere a força dos ideais e das baionetas dos franceses e a retirada vergonhosa dos espanhóis. As operações revelaram também o mau comando e a indisciplina dos soldados espanhóis e os conflitos entre os oficiais portugueses.

A Divisão auxiliar portuguesa era constituída por 6 Regimentos de Infantaria e uma brigada de Artilharia com 22 bocas de fogo, num total de 6.000 homens^[11]. O Coronel Gomes Freire chegou a comandar uma Brigada constituída pelo seu próprio Regimento (de Lisboa) e o de Cascais e mostrou o seu valor em diversas situações, como a que aconteceu junto à ponte de Ceret, o primeiro combate travado pelos portugueses, duas semanas depois de terem desembarcado no porto de Rosas, na Catalunha.



Figura 5 - Desembarque da Divisão Portuguesa na Catalunha (1793).

A 26 de Novembro de 1793, durante um ataque dos franceses, as linhas defensivas dos espanhóis cederam, colocando em risco toda a defesa aliada. Gomes Freire apercebeu-se do perigo e por sua iniciativa avançou rapidamente para a aldeia de Ceret, com cerca de 200 portugueses, uma força ligeira, mas que conseguiu aguentar as posições, salvando as unidades aliadas de serem liquidadas.

No ano seguinte, em 1794, os franceses conseguiram afastar os aliados, que retiraram para a Catalunha, registando-se muitas baixas entre os aliados. Os espanhóis já tinham sofrido cerca de 18 mil baixas e a Divisão portuguesa cerca de mil, enquanto os franceses recebiam reforços constantemente. Era o novo exército francês da “Nação em Armas” com muitos e motivados combatentes. A coragem e a determinação de Gomes Freire ficou demonstrada nos combates nesta fase difícil, em Abril^[12], em Agosto e em Novembro de 1794, mas também mostrou a sua indignação perante a reduzida eficácia de alguns comandantes portugueses e estrangeiros, que ele criticava abertamente, como aconteceu quando o 1º Regimento do Porto foi cercado e capturado (numa falha da defesa espanhola, que deixou 5000 franceses envolverem as posições defensivas), na rendição da Praça de Figueras (guarnecida por 9000 homens e 200 bocas de fogo de artilharia) que ele criticou severamente, na derrota do Forte de Puigerdá e na rendição de Velbet, que representou o insucesso desta campanha.

Como escreveu Latino Coelho, foi na campanha do Rossilhão que Gomes Freire de Andrade revelou o espírito desordeiro e intrigante: “o animo altivo do coronel, avesso, como era a toda a sujeição, difundia na Divisão auxiliar o fermento da indisciplina. O seu génio e espírito insubmisso levou-o mesmo a ser detido no forte de Figueras após um conflito com o Comandante do 1º Regimento de Olivença”. Os ajudantes do comandante da Divisão Auxiliar, o francês Clavière e Miguel Pereira Forjaz, eram militares de gabinete, muito ponderados e calculistas e condenavam as atitudes de Gomes Freire, que tinha apenas do seu lado alguns oficiais, como Pamplona, Magalhães e Menezes e Sousa Falcão. Os seus subordinados também o respeitavam muito e quando ele foi afastado, regressando a Lisboa, os militares do seu Regimento escreveram à Rainha em sua defesa.

Regressado a Lisboa, continuou como comandante do Regimento da Guarnição de Lisboa, até 1801, apesar de ter sido promovido a Marechal de Campo, em 1795^[13]. Nesta condição, desenvolveu, em 1799, um plano de defesa da cidade e do porto de Lisboa^[14], no qual revela a sua vasta experiência militar e um conhecimento atualizado sobre a arte da guerra naquela época, prevendo a ameaça das invasões que, em breve, se iriam revelar, em 1801 e em 1807.

A Guerra das Laranjas (1801)

Em 1801, a Espanha, aliada com a França, declarou guerra e invadiu Portugal, originando uma guerra de curta duração que ficou conhecida pela *Guerra das Laranjas*. O resultado foi uma derrota das forças portuguesas no Alto Alentejo que abandonaram diversas praças na fronteira sem combater (Campo Maior, Juromenha, Arronches e Monforte). O exército português, comandado pelo Duque de Lafões, estava dividido em três zonas territoriais: no Alentejo, na Beira e no Norte, onde esteve Gomes Freire. Das três forças (Alentejo, Beira e Norte), apenas a do Norte reagiu com vigor, dando combate aos espanhóis, sob a liderança do General sem medo, Gomes Freire de Andrade.

Gomes Freire era o Quartel Mestre General do comandante do Norte (o General francês Marquês de La Rosière), mas foi ele que comandou efetivamente as tropas do norte, desenvolvendo operações ofensivas sobre o inimigo. Na Galiza, com cerca de 2000 homens, ocupou durante 4 dias uma parte daquele território espanhol e estas conquistas foram importantes nas negociações para a recuperação das praças perdidas a sul (Campo Maior, Juromenha, Arronches e Monforte).

Em 1805-1806, publicou o seu trabalho intitulado *Ensaio Sobre o Método de Organizar em Portugal o Exército relativo à População, Agricultura e Defesa do País*, no qual revela uma grande sensibilidade e preocupação com o homem (soldado) que é chamado ao serviço militar. Defende que não se deve diferenciar a classe dos soldados das outras, referindo o exemplo da antiguidade (dos gregos e romanos) e mostra a sua admiração pelas milícias dos suíços (serviço militar temporário). Neste livro escreve que os homens no serviço militar deviam ficar junto dos seus lares, ou mesmo neles, para poderem alternadamente pegar no arado e nas armas; e depois de terem servido um certo tempo

na defesa da Pátria podiam regressar às suas famílias para descansarem dos trabalhos da Guerra^[15]. Era contra as levas arbitrárias, à força e com castigos, sem haver um tempo definido. Achava que o tempo de serviço militar não devia ser demorado para não afastar o homem da sua família e dos trabalhos no campo, para não prejudicar a «Republica» (população e agricultura).

Em 1807, foi promovido a Tenente-General^[16] e, durante a primeira invasão francesa, foi encarregue do comando da Divisão que defendia a margem Sul do Tejo e Setúbal. Recebeu o General Solana em Setúbal^[17], aceitando o encargo de desmobilizar a parte do exército português aquartelado no Sul e desarmar os regimentos de milícias.

Na Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão (1808-1814)

Quando, em 1808, foi organizada a Legião Portuguesa para ser mobilizada para servir Napoleão, Gomes Freire de Andrade foi nomeado 2º comandante desta unidade, comandada pelo Marquês de Alorna. A força era constituída inicialmente por 8000 homens, até ocorrerem em Espanha diversas deserções, sendo de aproximadamente 1300 a quantidade de militares portugueses que abandonaram a Legião.

Quando se juntou à Legião, em Espanha, Gomes Freire comandou o cerco a Saragoça e depois esteve em Grenoble (França), até Março de 1809, na base da Legião Portuguesa, onde assumiu o comando da unidade, na ausência do Marquês de Alorna. Em Junho de 1809, grande parte da unidade portuguesa foi para a Alemanha e Gomes Freire foi para a Suíça (Valais) com uma força de guarnição. No ano seguinte, quando os franceses preparavam a 3ª invasão a Portugal, recusou participar com Massena nesta campanha a Portugal, ficando em Genebra (Suíça) e depois em Grenoble, na Base depósito da Legião Portuguesa.

A situação que entretanto vivia ao serviço dos franceses e a rivalidade entre os chefes militares franceses não eram do seu agrado e Gomes Freire chegou mesmo a manifestar o desejo de abandonar Napoleão para voltar a servir a Rússia, como revela a documentação recentemente enviada da Rússia para Portugal.

Não tendo sido aceite pela Rússia a sua vontade, continuou ao serviço de Napoleão em funções sem grande importância. Era apenas envolvido em missões de guarnição, com unidades de 2ª linha, que seguiam o avanço das unidades de 1ª linha, para servirem como guarnição militar nas cidades conquistadas. Em 1812, foi nomeado para integrar a campanha da Rússia nesta missão e por isso deslocou-se através de Berlim para a Prússia, depois para a Polónia e depois Lituânia, onde foi o governador da região de Drisna. Avançando até Moscovo com um pequeno destacamento de tropas de guarnição, já encontrou o exército francês em retirada e bastante desorganizado. Em Smolensko, adoeceu e foi encontrado por Teotónio Banha (um tenente português que mais tarde

escreveu sobre esta campanha) que o socorreu e o acompanhou na retirada das unidades francesas.

No final do ano de 1812, estava em Berlim e no ano seguinte foi para Frankfort e depois para Jena, onde assumiu o comando da guarnição desta cidade, em Maio de 1813. Quando Jena foi atacada, as suas forças muito desfalcadas foram cercadas pela revolta dos alemães, mas Gomes Freire consegue repelir a ameaça com um modesto reforço que recebeu de apenas um Batalhão e 200 Lanceiros. Em Junho, foi nomeado governador de Dresden onde assistiu à batalha de Dresden (27 de Agosto de 1813) e, mais tarde, ao cerco a esta cidade, realizado pela Divisão Russa de Tolstoi (em Novembro de 1813). Passa depois por Leipzig, assistindo à batalha das nações e, continuando na retirada dos franceses, passou pela Bohémia (a terra de sua mãe) e depois pela Hungria. Chegou finalmente a França, depois foi para a Grã-Bretanha e para a Irlanda, regressando finalmente a Portugal, em Maio de 1815, onde, depois de ter estado preso, foi reintegrado no Exército.

Depois de uma intensa e muito diversificada carreira militar, vivida entre os 25 e os 56 anos de idade, regressou a Lisboa, onde foi condenado à morte, em 1817, aos 60 anos de idade. Entre o seu batismo de fogo, em 1784, e o seu último combate, em São Julião da Barra, em 1817, navegou pelo Mediterrâneo, no Mar Negro e no Báltico e combateu de Portugal até à Rússia.



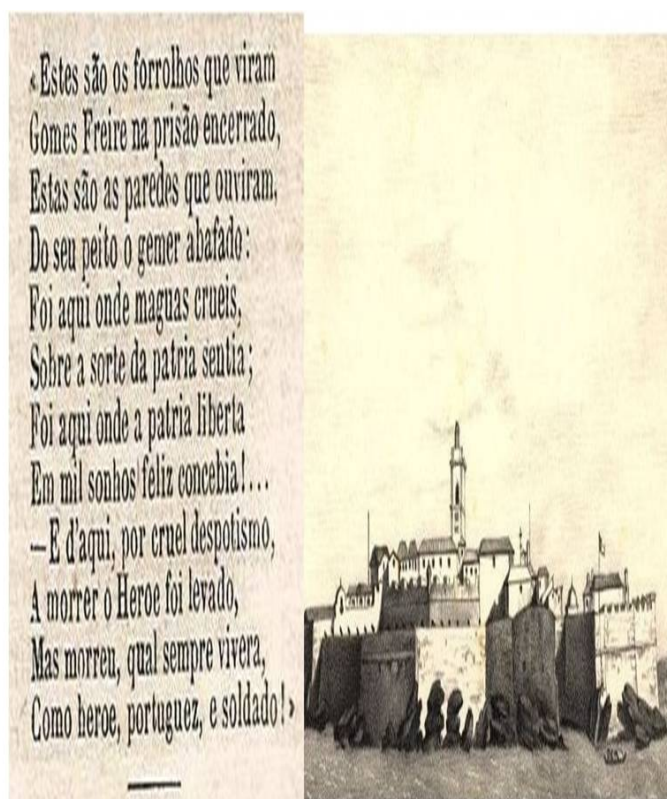
Figura 6 - Representação dos locais mais importantes da carreira militar de Gomes Freire de Andrade.

Considerações Finais

Felizmente, há memória para recordar o percurso militar de Gomes Freire de Andrade, desde que assentou praça em Peniche, já com a maturidade dos seus 25 anos de idade, até à condenação à morte. Combateu no norte de África (1784), no Mar Negro e Balcãs (1788-90), no Mar Báltico (1790), no norte da França (1792-1793), no Rossilhão (1793-95), em Portugal (1801), na Espanha (1808), na Rússia e na Alemanha, entre 1812 e 1813.

A sua personalidade invulgar, insubmisso, rebelde, mas competente e corajoso, tornou-o carismático e adorado pelos seus subordinados. Era temido e odiado por muitos dos seus superiores, mas como um “militar sem medo” foi uma figura inspiradora, pelo seu carácter irrequieto e genuinamente ambicioso e empenhado nas causas e missões militares. Tinha génio, era muito independente e com o seu forte espírito crítico era naturalmente conflituoso na defesa da eficácia militar. Era contra a presença dos estrangeiros que tinham cargos em Portugal (principalmente militares) com regalias que não mereciam e foi, sem dúvida, uma personalidade com um perfil mais militar do que político.

Sobre ele podemos dizer que foi um “General sem medo” e como escreveu Raul Brandão, Gomes Freire de Andrade “tinha o coração ao pé da boca” e “dizia o que pensava, quando todos se calavam.”



Fontes e Bibliografia

Arquivo Histórico Militar

AHM/DIV/1/10 - Campanha do Rossilhão e Catalunha (1793 - 1795).

AHM/DIV/1/10/04/11 - Correspondência de Gomes Freire de Andrade para Luís Pinto de Sousa Coutinho, Secretário de Estado e Ministro dos Negócios da Guerra, dando informações sobre a administração do Exército do Rossilhão.

AHM/DIV/3/01/02/05 - Plano de defesa da cidade e porto de Lisboa, em 1799, atribuído ao General Gomes Freire de Andrade.

Obras editadas

Barata, Manuel Themudo, *As Invasões Francesas e a Organização da Resistência Portuguesa*, Lisboa, Serviço Histórico Militar, 1989.

Barata, Themudo e Teixeira, Severiano, *Nova História Militar de Portugal*, 5 vols, Lisboa, Circulo de Leitores, 2004.

Best, Geoffrey, *War and Society in Revolutionay Europe 1770-1870*, Londres, Fontana, 1982.

Brandão, Raul, *1817 - A conspiração de Gomes Freire*, Porto, Renascença Portuguesa, 1917 (2ª ed., 1919; 3ª ed., 1922).

Coelho, José Maria Latino, *História Militar e Política de Portugal desde os fins do XVIII século até 1814*, 3 vols., Lisboa, 1891.

Corvisier, Andre, *Armies and Societies in Europe 1494-1789*, Bloomington, University of Indiana Press, 1955.

Ferrão, António, *Cartas inéditas de Gomes Freire de Andrade e outros documentos autógrafos acerca desse ilustre português quando combateu no Exército Russo, precedidos dum estudo sobre a política externa de Catarina*. Imprensa da Universidade, 1917.

The Portuguese Army of the Napoleonic Wars, 3 vols., Londres, Osprey, 2001.

Fuller, J.F.C. *The Conduct of War 1789-1961*, Londres, Eyre & Spottiswoode, 1961.

_____, *A Military History of the Western World*, 3 vols., Nova York, Funk and Wagnalis, 1954.

Revista Militar N.º 2605/2606 - Fevereiro/Março de 2019 - Número Temático , pp 151 - 164.

:: Neste pdf - página 15 de 17 ::

Jones, Archer, *The Art of War in the Western World*, New York, Barnes & Noble, 1997.

Laffont, Robert, *Histoire Universelle des Armees 1700-1914*, Paris, RF Editions, 1966.

Lafin, John, *Dicionario de Batalhas*, Espanha, Salvat Editores, 2001.

Lima, Henrique Ferreira, *Gomes Freire de Andrade notas bibliográficas e iconográficas publicadas em comemoração do 1º centenário da morte deste ilustre general (1817-1917)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919.

Levy, Jack, *War in the Great Power System 1495-1975*, Kentucky, The University Press of Kentucky, 1983.

Noronha, José Manoel, Separata da revista nº 28 da revista de história, Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos, Porto, 1919.

Tilly, Charles, *Las Revoluciones Europeas 1492-1992*, Barcelona, Grijalbo, 1992.

^[1] — António Ferrão, *Obra comemorativa do 1º centenário da morte de Gomes Freire de Andrade*, editada pela Academia Ciências de Lisboa, em 1917.

^[2] — Decreto de 9 de Outubro de 1782.

^[3] — Decreto de 8 de Março de 1787.

^[4] — Decreto de 27 de Abril de 1788.

^[5] — António Ferrão, *Carta Inéditas de Gomes Freire de Andrade e outros documentos autógrafos acerca deste ilustre português quando combateu no exército Russo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917.

^[6] — A Praça de Oczacow, que esteve sob domínio dos russos em 1737-39, foi depois recuperada pelos turcos e novamente perdida em 1788. Ficava a 40 milhas de Odesa no cabo do Mar Negro à entrada do estuário do rio Dnieper, em frente a Kinburn.

^[7] — Gomes Freire de Andrade foi promovido a Coronel, a 18 de Janeiro de 1791 com 34 anos de idade.

^[8]
— Nesta batalha estiveram presentes 14.000 homens da Rússia e 12.500 da Suécia.

^[9]
— Formalizado a 26 de Setembro de 1793 em Londres.

^[10]
— Correspondência de Gomes Freire de Andrade para Luís Pinto de Sousa Coutinho, Secretário de Estado e Ministro dos Negócios da Guerra, dando informações sobre a administração do Exército do Rossilhão. AHM/DIV/1/10/04/11.

^[11]
— Campanha do Rossilhão e Catalunha (1793-1795) AHM/DIV/1/10.

^[12]
— Em 29 de abril de 1794, os franceses atacaram o flanco esquerdo da força espanhola, guarnecida por unidades da Divisão portuguesa, que aguentaram as posições com determinação desde o início da manhã até às 14 h, protegendo a força espanhola.

^[13]
— Decreto de 17 de Dezembro de 1795, efectiva pelo Decreto de 20 de Novembro de 1796.

^[14]
— Plano de defesa da cidade e porto de Lisboa, em 1799, atribuído ao General Gomes Freire de Andrade. AHM/DIV/3/01/02/05.

^[15]
— *Ensaio sobre o Método de Organizar em Portugal o Exército relativo à População, Agricultura e Defesa do País*. Lisboa, 1806. p. XI.

^[16]
— Decreto de 24 de junho de 1807.

^[17]
— Francisco Maria Solano, em 1801, comandou a guarda avançada do Exército espanhol que invadiu Portugal sob o comando de Godoy. Em 1807, comandou a Divisão que ocupou o Alentejo e o Algarve, tendo estabelecido o seu quartel-general em Setúbal.